

*DOSSIÊ***A GEOGRAFIA NA TRAVESSIA ENTRE  
APRENDIZ E MESTRA****Thiago Rodrigues Gonçalves<sup>19</sup>**

A vida tem sido um recolhido de horas ininterruptas em estradas. Um ir-se, sempre a-caminho-de já há algum tempo. Vida migrante, que desde cedo me fez entender a importância daquilo a que o Riobaldo, de Guimarães Rosa (2001), tanto dava importância em seu *Gerais-relato*. Ir e saber apreciar o que a ida traz consigo de aprendizados e belezas, até mais do que a alegria da chegada ou a saudade da partida: saber notar as sutilezas do entre.

A vida acadêmica, então, não podia ser diferente. E, desde o princípio, foi marcada pelas distâncias, pela solidão da estrada, pelos céus estrelados de junho, pelo anseio das novidades. Estudar também é, como tudo, outro momento travessia. Mais um entre. Lá e cá. A ponto de poder dizer, sem exagero, que o real endereço para correspondência deveria ser um determinado quilômetro de uma rodovia. Já velho conhecido.

Foi “travessando” que conheci Livia de Oliveira. Em Niterói (RJ), quando participei, como ouvinte, do primeiro Seminário Nacional de Geografia e Fenomenologia (SEGHUM), na Universidade Federal Fluminense (UFF), no ano de 2010. Ainda novato nessa nova empreitada, o nome de Livia, já conhecido de antigas referências e de conversas com meus professores de graduação, impressionava. Ouvi-la falar, estar na sua presença, junto com outros nomes que me dava a conhecer então, foi um prazer.

---

<sup>19</sup> Realizou mestrado em Geografia com a Livia entre fev./2012 e out./2014.

Um dos apreços que nutro pela ideia de travessia do Rosa é o de que ela me dá a escusa necessária para uma vida toada em um tempo mais lento do que muito do que me rodeia e que, por consequência, fado ou coincidência (decida-se depois), resulta em uma séria distensão da memória. Um jeito rebuscado de dizer que a memória não é das faculdades aquela de que mais posso me vangloriar. Bachelard (2007) diria do instante intuído e de como, a bem da verdade, o passado é o que somos no presente, ou seja, vivemos o passado intuído no instante presente. Como discordar de Bachelard? Logo, tenho a fundamentação teórica e filosófica para afirmar que, no fundo, minha memória pouco afiada, é a expressão muito particular e experiencial do próprio tempo.

Recorro à Filosofia porque não saberia precisar em uma linha do tempo o momento exato em que Lívia aproximou-se de mim, no caminho entre o lindo casarão da Escola de Arquitetura da UFF onde ocorria o SEGHUM daquele ano e o restaurante que fica em uma praça ali próxima, e me convidou para tentar o mestrado consigo, na Unesp de Rio Claro. Travessias.

O interesse da emérita professora em meu trabalho me fez flutuar alguns centímetros do chão e, tenho certeza, devo ter balbuciado palavras ininteligíveis em resposta, tamanha minha alegria.

O tema do meu trabalho de dissertação certamente conseguiu atrair a atenção de Lívia. Meu desejo era o de trabalhar com música e geografia. Sabia que gostaria de priorizar a música popular. Por influência de Lívia e sua paixão comovente pela cultura caipira paulista, fui me encaminhando para o estudo daquele que viria então a ser meu companheiro por dois anos e meio: o samba paulista.

Ter sido orientado por Lívia de Oliveira no mestrado foi, acima de tudo, um constante aprendizado. O trabalho que resultou desse esforço de pesquisa, aprofundamento e cuidadosa consideração da cultura popular – “O lugar-samba no Bixiga: memória e identidade” – é, sem dúvida, um material de que me orgulho bastante pela sua qualidade como pesquisa e, também, como resgate

de um modo de ser que tem sido ofuscado já há muito por influências diversas. Mas, além disso, ser orientando de Livia me possibilitou aprender a me tornar pesquisador, a caminhar com minhas próprias pernas dentro de um espaço conquanto não completamente novo, certamente pouco explorado, como a academia era, para mim, até então.

A vigilância constante, o conselho na hora certa, a confiança no momento de aceitar minhas sugestões para o trabalho, a delicadeza nos modos e no trato para comigo (que pode surpreender àqueles que por ventura conheçam apenas a professora exigente e firme) e a sabedoria de, por vezes, saber esperar pelo momento certo para a palavra necessária: são ensinamentos incomensuráveis, fruto de uma convivência curta mas intensa, pela qual tenho que ser muito grato.

A vida de estar entre, a-caminho-de, tem dos seus percalços. Claro. Porém, guarda em si, como uma potência, a chance de encontros surpreendentes e recompensadores. A professora Livia de Oliveira é, sem dúvida, um dos meus maiores encontros. Geógrafa apaixonada pela ciência a que tanto se dedica, professora de um sem-número de felizardos como eu, mulher forte e desembaraçada, que conquistou o seu lugar sem nunca precisar pedir permissão a quem quer que fosse. Um exemplo, uma mestra, uma amiga.

## Referências

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. (Trad. de Antonio de Pádua Danesi) Campinas: Verus Editora, 2007. 107p.

GONÇALVES, Thiago Rodrigues. **O lugar-samba no Bixiga: memória e identidade**. 2014. 138 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 624p.